

avaliada contra primeiros episódios de RSV-LRTD e RSV-ARI em subgrupos de interesse específico.

Resultados: Dos 12.467 pacientes que receberam a vacina RSVPreF3 OA e 12.499 pacientes que receberam placebo, um total de 20,0% e 19,4%, respectivamente, tinham ≥ 1 condição cardiorrespiratória de interesse. As taxas de incidência de RSV-LRTD e RSV-ARI foram maiores no grupo placebo com ≥ 1 condição cardiorrespiratória de interesse versus aqueles sem nenhuma condição médica de interesse. A VE foi de 92,1% para prevenir RSV-LRTD, e 88,1% para RSV-ARI.

Conclusões: RSVPreF3 OA foi eficaz contra RSV-LRTD e RSV-ARI em adultos com ≥ 60 anos de idade com condições cardiorrespiratórias de interesse, sendo essa provavelmente a população que mais pode se beneficiar da proteção contra VSR. ENCORE: este é um ENCORE de um resumo apresentado na ERS 2023.

Palavras-chave: Vacina Virus sincicial respiratório Comorbidade cardiorrespiratória

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103095>

ENSAIOS PRÉ-CLÍNICOS DE UM CANDIDATO VACINAL ANTI VÍRUS ZIKA, UTILIZANDO A PLATAFORMA "VIRUS-LIKE PARTICLE" (VLPs)

Nelson Côrtes de Oliveira^{a,*}, Aline Lira^a,
Wasim Prates-Syed^a, Julia Beatriz Menuci^a,
Jaqueline Silva^a, Larissa Vuitika^a,
Viviane Maimoni Gonçalves^b,
Andrea Balan Fernandes^a, Gustavo Cabral de Miranda^a

^a Instituto de Ciências Biomédicas (ICB), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil;

^b Laboratório de Desenvolvimento de Vacinas, Instituto Butantan, São Paulo, SP, Brasil

Introdução/Objetivo: Os arbovírus, como o Zika vírus (ZIKV), têm impactado fortemente a saúde global, e despertado atenção devido à patogênese associada às infecções e a rápida disseminação desses em diversos países. Deste modo, é fundamental investir em programas de controle e prevenção. Portanto, o objetivo deste trabalho foi o de desenvolver e avaliar a eficácia de uma vacina quimérica contra o ZIKV, baseado na conjugação de E-DIII ZIKV com VLPs, para induzir uma resposta imune efetiva contra o patógeno.

Métodos: As VLPs (Q β) e proteínas ED-III ZIKV foram expressas em plataforma procariótica, purificadas por cromatografia e analisadas por eletroforese. Para formulação vacinal a proteína foi conjugada quimicamente ao Q β VLPs. Nos testes com animais foram utilizados camundongos isogênicos da linhagem C57BL/6, sendo imunizados com duas doses por via intramuscular (I.M). Amostras de sangue foram coletadas semanalmente por punção do plexo venoso submandibular e ao final de 42 dias o baço foi extraído e processado para realização de citometria de fluxo. A produção de anticorpos, IgG total e suas subclasses (IgG1 e IgG2b) foram quantificados pela realização da técnica de ELISA. Sendo as análises estatísticas executadas com uso da linguagem R.

Resultados: Ao final do processo de purificação, foi possível obter um rendimento de aproximadamente 3 mg de proteína pura em 1L de cultivo. A conjugação da partícula vacinal

ED-III ZIKV - Q β VLP pode ser observada por microscopia eletrônica de transmissão (MET). Na técnica de citometria de fluxo, foi evidenciado um aumento da porcentagem de expressão das citocinas intracelulares IFN- γ e TNF- α quando comparados com o grupo controle. E na resposta imune humoral, foi evidenciada a produção de anticorpos de IgG total e subclasses, mostrando que os níveis dessas moléculas estavam aumentados nos grupos vacinais. Além do que, foi possível evidenciar o predomínio de IgG2b que caracteriza uma polarização da resposta imune para um perfil Th1.

Conclusão: Diante disso, tanto a proteína quanto o VLP produzidos apresentaram qualidade compatível com aplicação em ensaios de antígenos vacinais. As formulações demonstraram ser imunogênicas, induzindo elevados títulos de anticorpos antígeno-específico em modelo animal, além de conferirem uma resposta imune celular, considerada chave para geração de respostas protetoras para infecção pelo ZIKV.

Palavras-chave: Arbovírus Zika Vírus (ZIKV) Vacina VLPs ED-III ZIKV

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103096>

HESITAÇÃO À VACINA CONTRA INFLUENZA ENTRE PROFISSIONAIS DE SAÚDE: OS DADOS DO BRASIL E DO HCRP DE 2015 A 2021

Leonardo Vinicius de Moraes*, Valdes Roberto Bollela

Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (HCFMRPUSP), Ribeirão Preto, SP, Brasil

Introdução: A hesitação à vacina contra influenza é um grande desafio e um dilema ético em todo o mundo, com importantes consequências para os profissionais de saúde, seus pacientes e para a saúde pública.

Objetivos: Compreender a prevalência de hesitação à vacina contra influenza e sua motivação entre profissionais de saúde, realizar levantamento de dados sobre o tema no Brasil e no HCRP, de 2015 a 2021, com proposição de ações para aumentar a cobertura vacinal em nosso serviço.

Material e métodos: Trata-se de um estudo descritivo transversal, de cunho clínico-qualitativo e exploratório, fundamentado, sobretudo, na análise de dados secundários de programas de vacinação e em entrevistas a profissionais de saúde.

Resultados: A hesitação vacinal é um fenômeno complexo, agravado recentemente pela covid-19. Relaciona-se principalmente com questões de confiança, complacência e conveniência, conforme modelo proposto pela OMS em 2011, mas também por outros motivos, como crenças religiosas e razões médicas. No Brasil, as campanhas de vacinação contra influenza vêm mantendo bom desempenho ao longo dos anos, sendo que de 2015 a 2018 a cobertura vacinal entre os profissionais de saúde brasileiros foi superior a 90% em todo período, exceto em 2017, quando resultou em 88%. Comparativamente com 2019, cuja taxa de cobertura para profissionais de saúde foi de 91%, em 2020 houve aumento para 117%, concomitantemente com o advento da pandemia de covid-19 e, após, queda expressiva em 2021, para 68%, associado à

campanha de vacinação sincrônica contra a covid-19. No HCRP, de 2015 a 2021 nota-se taxa de cobertura inferior ao que ocorreu no país durante todo o período, exceto no ano de 2021, quando a cobertura no serviço foi de 90%. Observou-se que os profissionais de saúde do HCRP parecem entender o tema de hesitação vacinal, sobretudo no contexto atual de pandemia, mantendo boa cobertura para influenza.

Conclusão: A hesitação à vacina contra influenza no Brasil é menor que a observada em outros países, especialmente entre os profissionais de saúde. As razões para hesitação são comuns e estão presentes em todo o mundo. A influência política no âmbito vacinal não deve ser ignorada, sobretudo no cenário da pandemia de covid-19. Ouvir as sugestões dos profissionais, individualizadas em cada serviço, além de integrar os dados de vacinação e combater desinformações, pode melhorar os dados de cobertura vacinal para influenza.

Palavras-chave: Hesitação vacinal Influenza Profissional da saúde Saúde ocupacional

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103097>

IMUNIZAÇÃO EM USUÁRIOS DE AGENTES BIOLÓGICOS: SERÁ QUE ESTAMOS VACINANDO ADEQUADAMENTE? AVALIAÇÃO EM AMBULATÓRIO DE ALTA COMPLEXIDADE

Rafael Corrêa Barros*, Luísa Akie Yamauchi Reyes, Daniel Litardi Castorino Pereira, Pedro Saliba e Borges, Samylla Costa de Moura, Cecília Gonçalves Bueno, Marina Keiko K Tsukumo, Durval Alex Gomes e Costa, Augusto Yamaguti

Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual (IAMSPE), São Paulo, SP, Brasil

Introdução/Objetivo: O aumento de agentes biológicos imunossupressores dobrou o risco de infecções imunopreveníveis. Níveis subótimos de vacinação são realidade para esta população. Avaliar níveis vacinais em pacientes usando biológicos imunossupressores e suas características epidemiológicas mostra-se relevante, portanto.

Métodos: Estudo descritivo transversal, incluindo pacientes ambulatoriais de hospital terciário em 2022. Usados bancos de dados dos sites governamentais SAÚDE e VACIVIDA, dos prontuários e questionários feitos em ligações aos pacientes.

Resultados: Foram incluídos 142 pacientes inicialmente e do total 53.5% estavam acima de 60 anos. Mulheres foram prevalentes, mas não houve associação significativa entre gênero e vacinação. Vacina contra covid-19 estava completa em 51.5%. As demais taxas foram: Vacina dT 35.7%; hepatite B 32.9%; pneumocócica 23 27.1%; influenza 20%; febre amarela 15.7%; meningocócica 14.3%; hepatite A 5.7%; pneumocócica 13 5.7%; hemófilos B nenhum paciente; Imunidade contra HBV com proteção (antiHbs >10) 7.6%. Algumas condições favoreceram a vacinação neste estudo: Ter doença inflamatória intestinal (p: 0,001); esclerose múltipla (p: 0,003); ser acompanhado nas especialidades gastroenterologia (p: 0,001) e reumatologia (p: 0,013). Ser acompanhado na gastroenterologia reduziu a chance de ser encaminhado para vacinação (RR 0,1 IC 0,0-0,8 p: 0,021). O questionário aplicado mostrou pouco

medo para vacinar (7.5%), presença significativa de carteira de vacinação (64.2%) encaminhamento para vacinação pelo médico de origem (52.8%) e ótimo encaminhamento para vacina contra COVID-19 (100%).

Conclusão: Ao considerar o fornecimento gratuito de imunizantes pelo Ministério da Saúde e a facilidade de realização das vacinas na própria instituição, medidas in loco para melhoria dos dados devem ser discutidas com cada equipe.

Palavras-chave: Vacinação Imunossupressão Imunização Autoimunidade Imunodepressão

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103098>

MOTIVOS DE HESITAÇÃO À VACINAÇÃO CONTRA MPOX ENTRE HOMENS GAYS USUÁRIOS DE PREP PARA O HIV

Alberto dos Santos de Lemos^{a,b,*}

^a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ, Brasil;

^b Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Introdução: A mpox emergiu em 2022 como problema global, incluindo o Brasil. A maioria dos casos vem se concentrando em homens cis gays sexualmente ativos (HSH). Apesar de disponibilizada a vacinação específica incluindo pessoas em uso de PrEP do HIV, as coberturas vêm se mantendo baixas. A hesitação vacinal é um fenômeno social emergente no Brasil, amplificado nos últimos anos. Delimitar conceitos prevalentes em grupos específicos é fundamental para a elaboração de estratégias de comunicação efetivas para minimizar o problema.

Objetivo: Identificar os principais motivos de não vacinação contra mpox em homens gays brasileiros.

Métodos: Utilizou-se um questionário online com perguntas fechadas. Foram selecionados indivíduos que se declararam HSH e fazem uso de PrEP do HIV. O questionário incluiu informações demográficas e, para os que declararam não vacinados, uma lista de itens para serem identificados (sim ou não) como motivos de não vacinação e depois classificados em ordem de importância. Ao fim do preenchimento, informações sobre a vacina contra mpox foram disponibilizadas.

Resultados: Entre janeiro e maio de 2023, foram incluídos 237 indivíduos que preencheram os critérios de inclusão. A idade variou de 18 a 54 anos, com mediana de 32. A maioria residia no RJ (35%) e SP (21%) e declarou ser de cor branca ou parda (37% cada). Não tomaram a vacina 132 indivíduos (57%). As cinco razões para a não adesão mais frequentes foram desconhecer o local de oferta da vacina (76%), desconhecer a disponibilidade da vacina (76%), acreditar que se trata de uma vacina experimental (50%), acreditar que não está sob risco (50%) e dúvida sobre efeitos adversos (50%). Entre os que escolheram mais de um motivo (92%), o identificado como mais importante foi dúvida sobre efeitos adversos (50%). Apenas um indivíduo declarou não acreditar em vacinas no geral, o único que informou não desejar receber a vacina após a leitura das informações disponibilizadas.